



ALMADA NEGREIROS

OBRA COMPLETA

Organização

ALEXEI BUENO

Introdução

JOSÉ AUGUSTO FRANÇA



RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR S.A., 1997

BIBLIOTECA
LUSO-BRASILEIRA
Série Portuguesa

ALMADA NEGREIROS
OBRA COMPLETA

em um volume

INTRODUÇÃO GERAL

Nota editorial / Almada Negreiros, letras e artes
Cronologia da vida e da obra
Iconografia

POESIA

FIÇÃO

TEATRO

MANIFESTOS, ENSAIOS, CRÔNICAS E PROSA DOUTRINÁRIA

APÊNDICE

Bibliografia / Índice geral

Primeira edição, 1997

© 1997, by José de Almada Negreiros

Direitos desta edição para todos os países de língua portuguesa adquiridos pela

EDITORA NOVA AGUILAR S.A.

Rua Dona Mariana, 205 - casa 1 - Botafogo - CEP 22280-020

Rio de Janeiro, RJ

Tel./Fax: 537-8275 - 537-7189

ISBN 85-210-0049-0

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

- N311a Negreiros, Almada, 1893-1970
Almada Negreiros : Obra completa : volume único / organização,
Alexei Bueno ; introdução, José Augusto França. — Rio de Janeiro :
Nova Aguilar, 1997.
1 v. — (Biblioteca luso-brasileira ; Série portuguesa)

Contém dados biobibliográficos.

ISBN 85-210-0049-0

I. Negreiros, Almada, 1893-1970. II. Bueno, Alexei, 1963-. III. Título.
III. Série.

CDD - 869.8

CDU - 869.0-8

PORTUGAL

1924

(Tem uma Scriptura, cadeira e uma mesa, dentro do qual se vê um retrato de Marinho e um balcão de estação de telégrafos. Uma janela e duas portas. / Apesar de ainda se sentir um pouco as paredes por causa da janela encerrada por detrás de uma porta e encimada por um retrato.)

(Alguns instantes. O

A CHADISTA — Eles olham tanto para a janela!

A GOVERNANTA — Não se sabe se são os olhos ou a janela!

A COZINHEIRA — Também poderia ser de lado dos patrões.

A CHADISTA — Aqui o Sr. João não quer polícia.

A COZINHEIRA — Então os patrões não querem polícia?

A CHADISTA — Então os patrões também não querem a gente?

A COZINHEIRA *(Uma das suas gargalhadas célebres)* — Ah! Ah! Ah!

A GOVERNANTA — Não se faz dessa maneira!

A COZINHEIRA — É mesmo o que se chama uma ignorante.

A CHADISTA — Quem não sabe, precisa ser ensinada.

A COZINHEIRA — Então a polícia é só por causa dos ganhos e dos mal-entendidos, não é também por causa dessa coisa da política?

A CHADISTA — Da quê?

A COZINHEIRA — Da política, mulher!... Uns são dum lado, outros são do outro lado. Uns são duma cor, outros são doutra cor. Uns estão em cima e os outros querem deitar-lhes abaixo!

A CHADISTA — E a gente de quais é?

A GOVERNANTA — Quem não é nada neste mundo é do partido de quem não dá de comer.

A CHADISTA — Diz muito bem.

(O telefone. A cozinheira e a governanta a chegar.)

A GOVERNANTA *(Trinando-lhe o aparelho)* — Já lhe disse que não quero que ninguém venha ao telefone. E hoje ainda muito mental! *(Ao telefone)* — Então lá? Sim, senhora. Quem fala da? Bem! Não se lembra, não.

PERSONAGENS

A mãe
José, seu filho
Maria, noiva de José
Um tenente
Uma senhora francesa e sua filha
O general inglês
Um rapaz português
Criados da mãe de José e de Maria

ACTUALIDADE

Os dois primeiros actos em Portugal, o último no estrangeiro

PRIMEIRO ACTO

(Uma sala. Secretária, cadeiras e fauteuils, únicos móveis indispensáveis. / Na parede dois retratos de meio corpo em tamanho natural: um oficial de Marinha e um aluno do Colégio Militar. Uma janela e duas portas. / Apesar de ainda ser dia, está quase às escuras por causa da janela encerrada por onde espreitam para fora os personagens.)

A CRIADITA — Eles olham tanto cá para cima!

A GOVERNANTA — Não se abre a janela mais do que está!

A COZINHEIRA — Também podem ser do lado dos patrões.

A CRIADITA — Aqui o Sor João disse que eram polícias.

A COZINHEIRA — E o que tem isso que ver com o que se está a falar?

A CRIADITA — Então os polícias também são contra a gente?

A COZINHEIRA *(Uma das suas gargalhadas célebres.)* — Ah! Ah! Ah!

A GOVERNANTA — Não se ria dessa maneira!

A COZINHEIRA — É mesmo o que se chama uma ignorante.

A CRIADITA — Quem não sabe, precisa ser ensinada.

A COZINHEIRA — Então a polícia é só por causa dos gatunos e dos malfeitores, não é também por causa dessa coisa da política?

A CRIADITA — Da quê?

A COZINHEIRA — Da política, mulher!... Uns são dum lado, outros são doutro lado. Uns são duma cor, outros são doutra cor. Uns estão em cima e os outros querem deitá-los abaixo!

A CRIADITA — E a gente de quais é?

A GOVERNANTA — Quem não é nada neste mundo é do partido de quem nos dá de comer.

O PORTEIRO — Diz muito bem.

(O telefone. A cozinheira é a primeira a chegar.)

A GOVERNANTA *(Tirando-lhe o aparelho.)* — Já lhe disse que não quero que ninguém venha ao telefone! E hoje ainda muito menos! *(Ao telefone:)* Está lá? Sim senhora. Quem fala daí? Hem? Não senhora, não

está. Donde fala? Também não está. Quem fala daí? Nem o Sr. Doutor, nem a mãe do Sr. Doutor, não estão. E daí quem é que fala? Não sabemos para onde foram. Mas quem é que fala daí?... (*Desliga.*) Desligaram! (*À cozinheira:*) Vê? Não é voz conhecida! Já disse que não vai mais ninguém ao telefone a não ser eu! A senhora deu ordens bem claras! Por uma palavra de nada pode vir a saber-se tudo!

A CRIADITA — Pode saber tudo o quê?

A COZINHEIRA (*Outra gargalhada célebre.*) — Ah! Ah! Ah!

A GOVERNANTA — Já lhe disse que não quero que se ria dessa maneira! Ou então é melhor ir p'rá cozinha fazer o que tem a fazer!

A COZINHEIRA — Ora essa? Não foi a senhora que chamou a gente todos p'rò pé de si?

A GOVERNANTA — Mas não é para esses espalhafatos! Nem num dia como este é capaz de acomodar-se com as suas gargalhadas! Talvez ainda hoje seja quem se ria menos!

A COZINHEIRA — Mas que julga? Eu também não quero ficar só lá naquela cozinha! Eu não tenho culpa nenhuma do que os outros fazem!... A mim pagam-me o meu trabalho mas é para eu o fazer descansadamente. Não é para andar nestes sobressaltos, que a gente chega mesmo a não saber o que é que faz!

O PORTEIRO — Escutem! (*Faz-se o silêncio.*)

A CRIADITA — O que é?

TODOS (*Fazem calar a criada.*) — Chiu!...

O PORTEIRO — É cavalaria. Vai a entrar p'rò quartel.

A COZINHEIRA — Está mais que visto, ele anda coisa no ar.

A CRIADITA — E era cavalaria?

A GOVERNANTA — Ó rapariga, sabes tanto como nós que estamos aqui ao pé de ti!

A CRIADITA — Foi o Sr. João que disse que era cavalaria.

A GOVERNANTA — E depois?

A CRIADITA — A cavalaria o que é que faz?

A GOVERNANTA — Faz o que Deus quiser, pronto, já ficas sabendo!

A CRIADITA — Ninguém quer dizer-me nada.

A COZINHEIRA — A cavalaria tanto pode ser contra como a favor...

A CRIADITA — E como se conhece a diferença?

A COZINHEIRA (*Grande galhofa.*) — Eles são todos iguais!

A CRIADITA — Ora! estão a trocar comigo! Ninguém me ensina nada! O que é que se faz para eles não serem contra a gente?

A GOVERNANTA — Olha, é estar muito caladinha!

A CRIADITA — Pelo amor de Deus, diga lá, e se for contra a gente...

A GOVERNANTA — Cala-te rapariga! Ficas proibida de falar de uma vez para sempre!

(Faz-se um silêncio insuportável. Escureceu quase completamente.)

A GOVERNANTA — Já lá vai o tempo em que havia quem pensava nos outros; mas agora as pessoas só servem para ver que os outros não estão como deviam estar.

A COZINHEIRA — Francamente, não acho nada bem deixarem-nos aqui completamente abandonados num dia como este!

O PORTEIRO — Quem sabe se eles estão pior que nós aqui à espera deles.

A COZINHEIRA — Ora aqui está porque veio tanta coisa da mercearia!

A GOVERNANTA — Mais valia que dissessem para onde iam! Pelo menos a mim, para haver uma pessoa cá em casa que saiba o que se há-de fazer!

A COZINHEIRA — É que chega a parecer que também desconfiam da gente!

A GOVERNANTA — Se disséssemos que nós éramos cá em casa de tão pouco tempo como esta (*indica a criada*), mas qualquer de nós três ainda é do tempo do Sr. Tenente!

A COZINHEIRA — E já fez vinte anos que o mataram!

A GOVERNANTA — Numa tarde como esta!

O PORTEIRO — Vem gente ali na quinta!

A COZINHEIRA — Aonde!?

A GOVERNANTA — Metam-se para dentro!

A CRIADITA — Eu quero voltar p'ra minha terra!

O PORTEIRO — É o filho do caseiro.

A GOVERNANTA — Anda a passear em vez de guardar a entrada lá de cima!

A COZINHEIRA — É capaz de ser alguma coisa.

A GOVERNANTA — Estou quase a mandá-lo ao clube saber se o Sr. Doutor lá esteve hoje.

A COZINHEIRA — Então não era melhor telefonar?

A GOVERNANTA — De lá não respondem.

A COZINHEIRA — Coitado do rapaz! Até é perigoso andar por essas ruas.

A GOVERNANTA — Naturalmente as pessoas só servem para quando não é preciso.

O TENENTE — Diz muito bem: quem serve é para servir.